



ISSN 1984-5634

APRESENTAÇÃO**ACORDES: EDIÇÃO ESPECIAL****ELISA SCHNEIDER VENZON¹****LEANDRO FERREIRA SOUZA²****EDITORA-CHEFE:**

Elisa Schneider Venzon

EDITOR-GERENTE:

Leandro Ferreira Souza

COMO CITAR:

VENZON, E.; SOUZA, L. F.
 Acordes: edição especial.
Aedos, Porto Alegre, v. 16, n.
 37, p. 4-9, jun.-set., 2024.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

Anova edição da Acordes representa o grato desafio de, como historiadoras(ies/es), estarmos sempre em busca de sentidos para atribuir a nossas práticas. A formação em História nos incentiva tanto a identificar quanto a questionar fios condutores, paralelos e aproximações entre objetos de estudo, problemas, disciplinas e autoras(ies/es). Para exercer o pensamento crítico e elaborar a consciência histórica, devemos estar abertas(es/os) à multiplicidade de olhares e aos debates que, precisamente por tirarem o conforto, nos instigam à reflexão. Ainda que distintas as temáticas entre si, os trinta trabalhos selecionados para compor esta edição especial nos possibilitam um percurso único de caminhos temporais, espaciais e sociais que, não fosse o sentido atribuído pelo conselho editorial, poderia tomar outra forma ou organização. Nas próximas páginas, celebramos a variedade de formatos, assuntos e autorias que a Aedos publicou e continua a fazê-lo desde o início de sua trajetória em 2008.

Enquanto pensávamos na organização deste número da Acordes, surgiram dúvidas quanto à lógica a ser empreendida para ordenar os trinta trabalhos que o compõe. Dentre as inúmeras possibilidades – recortes temporais, localidades, campos... –, identificamos um fio condutor próprio perceptível em uma leitura contínua, potencializando as questões trazidas em cada obra a partir das discussões anterior e posterior.

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS). ORCID iD: 0009-0002-9978-4222. E-mail: elisavenzon@gmail.com

² Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador membro do Laboratório de estudos sobre os Usos Políticos do Passado (LUPPA). Orcid: 0000-0001-5304-4021. E-mail: leandrokxx@gmail.com

Iniciamos a edição tratando de questões para o fazer historiográfico: em *A complexidade das percepções juvenis: incoerências e ontradições em pesquisas quantitativas*, Wilian Barom (UFPR) se utiliza de questionários aplicados a jovens para elaborar hipóteses sobre as raízes das incongruências encontradas nas respostas assinaladas e prop or alternativas às análises dos dados quantitativos obtidos nessas metodologias. A seguir, Marlos Ferreira dos Reis (PUC-RJ) problematiza as categorias de presentismo e regimes de historicidade propostas por François Hartog em face das contribuições de Koselleck e Turin em *Os limites do regime de historicidade: a semântica dos tempos históricos como chave de interpretação da experiência do tempo no Relógio do Juízo Final (1991-2020)*. A discussão conceitual que parte de uma problemática atual também está presente no artigo de Fabrício Ferreira de Lema (UFRGS), *Caminhando com gafanhotos: em direção a uma historiografia simétrica*. Nele, o autor se propõe a analisar a maneira como duas sociedades entendiam as relações estabelecidas entre humanos e não humanos a partir de casos jurídicos nos séculos XVII e XVIII.

O horror das profundezas: uma análise do monstruoso no mangá Gyo, escrito por Lucas Marques Vilhena Motta (UFPel) e Mauricio da Cunha Albuquerque (UFPel), se dedica aos monstros criados por Itō Junji como alegoria para a elaboração dos traumas presentes na sociedade japonesa em relação à Guerra do Pacífico, com foco na responsabilidade dos jovens que terão de lidar com tais memórias. A partir de peças midiáticas e da história oral, João Prestes (UFMS) e Jorge Fernández (UFMS) apresentam os relatos de dois jornalistas, os traumas e as formas de resistência por eles desenvolvidas como profissionais atuantes na imprensa de Campo Grande durante a ditadura civil-militar brasileira em *A censura à imprensa de Campo Grande durante os “anos de chumbo” da ditadura (1968-1974)*.

Ainda sobre o período ditatorial no Brasil, dois trabalhos indicam outras possibilidades de pesquisa: em *Redes de Solidariedade e afeto nas narrativas de ex-militantes na Ditadura Civil-Militar em Curitiba*, Stella Tiotto Castanharo (UFPR) e Roseli Boschilia (UFPR) exploram a formação de redes de solidariedade e afeto a partir dos testemunhos orais de dois casais formados por militantes políticos contrários ao regime. Por sua vez, Allana Facchini Silva (UEM), em *Fronteiras ideológicas e Doutrina de Segurança Nacional: a sombra brasileira no Uruguai (1964-1971)*, se propôs a identificar a noção de fronteira ideológica em fontes secundárias que tratam das conexões de cunho repressivo estabelecidas na política externa por Brasil e Uruguai.

Em se tratando de fronteiras e conflitos, outra perspectiva é apresentada por Domingos Mula Cá Júnior (UFRGS), que escreve sobre *A formação dos Estados e dinastias fulas na Senegâmbia* e a transformação no cenário político, social e religioso da região na costa ocidental africana a partir de uma liderança eminentemente espiritual. Já em *As leis de Lamego e a questão da sucessão ao trono*

português nos capítulos gerais das Cortes de 1641, Lucas Lixa Victor Neves (UFRJ) estuda os argumentos e petições das elites portuguesas contra a restauração de uma dominação espanhola após a chegada de D. João IV ao trono do país. O artigo de autoria de Sandra Maria Fonseca da Costa (UNIVAP), Nilton Carlos Rosa (UNIVAP), Valéria Regina Zanetti (UNIVAP) e Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali (UNIVAP) se utiliza da noção de mito fundador para discutir o processo de fundação da cidade de Afuá, no estado do Pará. A história mais aceita é a das doações de terras por Micaela Arcangela Ferreira em 1845, mas a pesquisa das autoras e do autor indica possíveis controvérsias em torno da personagem.

A ideia de biografias idealizadas também está presente em *Narrativas exemplares de uma vida: a construção biográfica de um homem virtuoso na República* (RIHGB – 1925), onde Leandro Antonio da Silva (UNESP) analisa as representações sobre o passado imperial selecionadas e reunidas pelo IHGB quando da comemoração do 1º centenário do nascimento de D. Pedro II. Por outro lado, a cidade de São Paulo no IV centenário de sua fundação é o palco para entender a trajetória da Móveis CIMO S.A. e o seu estabelecimento como referência no mercado imobiliário a partir de uma rede de negócios e afetos, estudada por Osvaldo Bruno da Silva (UFPR) em *Móveis para celebrar: a fábrica Móveis Cimo S.A. e o Ballet do IV Centenário de São Paulo*. A divulgação de um texto de autoria anônima sobre a história do Piauí e a proposta pedagógica de analisá-lo do ponto de vista histórico resultou no artigo “*Meu boi morreu, o que será de mim?*”: (re)pensando o imaginário construído em torno do espaço e povo piauiense do século XIX através do exercício pedagógico. Nele, Iago Tallys Silva Luz (UFPI) e Raimundo Nonato Lima dos Santos (UFPI) problematizam a identidade piauiense e as representações sociais veiculadas na fonte.

Em seu trabalho intitulado *Raça e classe na obra de Florestan Fernandes: a não integração do negro no Brasil*, Messias Araujo Cardozo (UFMA) contrasta a maneira como esses dois autores mobilizaram as categorias de raça e classe em seus tempos, sendo Florestan Fernandes um crítico do discurso da democracia racial presente na obra de Gilberto Freyre. Os dois artigos seguintes são estudos sobre o trabalho e a mão de obra no século XVIII: Márcio Blanco Razzera (), autor de *Das mãos que amainam o gado e lavram a terra: escravidão, população e trabalho em Viamão (1741-1759)*, discorre sobre a proeminência na cidade do uso de mão de obra escravizada (maioria de origem africana) na força de trabalho, complementada por indígenas e peões livres. Já o autor Francisco Alves de Souza Neto () escreve sobre a *Rizicultura, trabalho e protagonismo indígena na capitania do Maranhão (1770-1780)*, com o objetivo de demonstrar a importância da mão de obra indígena para a economia colonial maranhense.

Com Vinicius Soares Lima () e seu texto *Uma visão andina e cristã: elementos jurídicos e teológicos na obra de Felipe Guaman Pola de Ayala*, voltamos ao período pré-hispânico para analisar a *Nueva Corónica* do autor indígena Felipe Guaman Poma de Ayala e identificar as características

de um discurso híbrido, marcado pela presença simultânea de elementos da cultura andina ancestral e de noções do mundo colonial espanhol. O interesse pela presença indígena na história segue no próximo artigo, *Os indígenas e o centenário da imigração italiana no Jornal O Pioneiro: “Imagens de um século”* (1973-1974) de Erick da Silva Porto () e Elliana Gasparini Xerri (). Sua pesquisa por menções aos povos indígenas nas inserções midiáticas comemorativas do centenário da imigração italiana em Caxias do Sul constatou o apagamento e a estigmatização deste grupo nas representações sobre a construção da cidade e da sociedade locais.

Voltamos à teoria para compreender as potencialidades e limitações de arquivos documentais, entendidos como produtos da racionalidade humana e *locus* de poder, com Luisa Padua Zanon () em *Entre a história e os Arquivos: possibilidades e usos dos acervos arquivísticos e o que eles nos dizem*. Seu enfoque especial nas análises da mídia impressa realiza a mediação entre o texto de Porto e Xerri com o estudo de João Vitor de Armas Teixeira (). Em *“Desvairada Imaginação”: a Comuna de Paris nas páginas do jornal O Apóstolo (1871)*, o pesquisador analisa as representações sobre a Comuna de Paris em um jornal católico brasileiro e identifica a mobilização negativa nele incitada sobre o movimento revolucionário na França. Outro periódico católico que assume a posição de objeto de estudo é *A imprensa*, por parte de Daniel da Silva Firino () e Carlos André Macedo Cavalcanti (). O artigo em coautoria versa sobre *A implantação da Romanização e da Restauração Católica na Paraíba* entre 1894 e 1950, uma tentativa de reaproximação da Igreja Católica com a sociedade após a instauração da República no Brasil. Ainda na seara dos estudos envolvendo a história e religião, em *Morremos todos: atitudes diante da morte (São Paulo, século XVII)*, a autora Marília Tofanetto Alves () desenvolve um trabalho sobre o comportamento dos homens cristãos seiscentistas quando próximos da morte a partir dos seus testamentos, registros com seus últimos desejos enquanto católicos.

Se Alves aborda a morte em sua escrita, *Parteiras: saberes, práticas e conflitos no Recife (1831-1845)* argumenta sobre o oposto: a vida. Neste caso, Jonas Clevison Pereira de Melo Júnior (UFRPE) e Cássia Regina da Silva Rodrigues de Souza (FIOCRUZ) analisam a atuação das parteiras recifenses em meados do século XIX, bem como a regulamentação do ofício e suas consequências, a partir de legislações e periódicos de época. Já Bianca Mendonça Soares (UEG) e Maria Dailza da Conceição Fagundes (UEG), dando sequência à temática da saúde e da medicina, elaboram em seu texto uma análise sobre os preceitos referentes à peste no tratado medicinal escrito pelo médico judeu Juan de Aviñon e intitulado “Sevillana Medicina”. No texto *A peste na obra Sevillana Medicina do físico Juan de Aviñon (Século XIV): definição, causas e sinais*, essas autoras utilizam a fonte de Aviñon para discutir a definição de peste, as causas e os sinais para o surgimento de doenças epidêmicas apresentados pelo médico.

Em seguida, Marcelo Douglas Nascimento Ribas Filho (UFPR) constrói um texto com relances experimentais que pretende desenvolver a noção de produção de verdade, de Michel Foucault, a partir de documentos judiciais envolvendo crimes sexuais da Comarca de Irati, no Paraná. Neste sentido, o texto intitulado *Entre itinerários e sínteses: aspectos da produção da verdade em Foucault e o encontro com os documentos judiciais* pretende misturar experiências do itinerário pessoal com esses documentos judiciais para chegar ao conceito de Foucault. Em *Entre norma e desregramentos, o sexo como um espaço de manobra na sociedade portuguesa tardo medieval*, o autor Ismael da Silva Nunes (UFJF) objetiva entender a sociedade medieval portuguesa a partir de normas de comportamento acerca da vida sexual e práticas desviantes estabelecidas no fim do século XV. Pretende, assim, entender as dimensões que o sexo toma naquela sociedade, se era um espaço de dominação ou liberdade e quais os limites para essas compreensões a partir de documentos jurídicos como fontes da pesquisa. Ainda falando sobre a sexualidades, o último trabalho na seção de artigos desta edição, de Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso (UFG), analisa um documentário chamado *Um lugar para beijar*, de 2008, para perceber qual o lugar que produções como este documentário, que se utilizam de sexualidades não hegemônicas, ocupam na sociedade brasileira; o uso do documentário no texto “*O mais visível às vezes é o muro*”: *imagens e sexualidades periféricas em movimento - Um lugar para beijar (2008)* para responder essa e outras questões se dá pelo seu contexto, ao apresentar sujeitos que produzem práticas e lugares importantes para a análise.

Já na seção de resenhas, e ainda na temática de sexualidade, gênero e movimento LGBTQIAP+, Leonardo da Silva Martinelli (UFSC) resenha o livro *Quando ousamos existir*, de CAETANO et al., em seu texto intitulado “*Quarentou!*” *Uma trajetória imagética do movimento LGBTI brasileiro*, uma obra que reúne diferentes pessoas para escreverem sobre narrativas memorísticas e fotobiográficas, celebrando os quarenta anos do movimento LGBTI no Brasil. Fabiana Alves Dantas, na resenha intitulada *Vivendo autobiograficamente: contribuições de Paul John Eakin aos estudos autobiográficos* apresenta a quem ler a noção de Eakin sobre a construção da identidade narrativa do indivíduo, a capacidade de viver autobiograficamente; com isso, a autora discute o gênero da autobiografia, mas também temas como memória e exposição na *Internet*.

Por fim, a Revista ainda conta com um destaque nessa edição, pois o Conselho Editorial tem a honra de fazer a publicação da tradução, inédita no Brasil e exclusiva da *Aedos*, da aula inaugural de 21 de dezembro de 2017 do professor e historiador turco Edhem Eldem. Intitulada *O Império Otomano e a Turquia em face do Ocidente - Aula inaugural proferida na quinta-feira, 21 de dezembro de 2017* e proposta pelo tradutor Felipe de Camargo Alves (UFRGS) e pelas professoras e revisoras Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS) e Regina Weber (UFRGS), a tradução compõe o texto da

aula inaugural do professor e historiador turco Edhem Eldem proferida no *Collège de France* e publicada pela mesma instituição em 2018.

A *Aedos*, a partir do desafio de encontrar um fio condutor para tornar esta edição o mais constante e harmoniosa possível, deseja que as autorias desta edição e de futuras se sintam confortáveis com a nossa escolha para a construção organizacional desta edição e seguras(es/os) para confiar seus trabalhos à Revista em outros momentos, com a certeza de que o Conselho Editorial desta revista terá um exercício sensível sobre todo e qualquer texto enviado, bem como a estrutura das publicações que os receberão. E às e aos leitoras(ies/es), desejamos que tenham, assim como todas(es/os) envolvidas(es/os) neste processo editorial, a possibilidade de ampliar as suas referências e leque de autoras(ies/es) a partir deste percurso desafiador, almejando poder sempre colaborar com um espaço onde o encontro das singularidades destas pesquisas gera uma estrutura enriquecedora para toda a comunidade científica, acadêmica e do público geral.